
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO: A CARTOGRAPHIC ANALYSIS OF
REGIONAL DEVELOPMENT***

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO: UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA DO
DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

Andrea Roma Silva Lacerda¹

ABSTRACT

The work aims to demonstrate cartographically the influence of the proximity from UFPE campus with other research and educational institutions, as a means of achieving the development always looking for innovations. For both it will resort an analyze of the theories surrounding the subject, that is a growing movement in society as a means of achieving success within a global society. It is necessary to note that these regions now hold power over others and cartography is a facilitating instrument in this process of understanding. The research will demonstrate the correlation of the theory with cartographic environment from region of Recife-PE, which in a special way will broach from UFPE campus. It will demonstrate the flow of agreements from UFPE with others institutions about research achievements and achievement in academic events. Finally, it will demonstrate the ease that spatial location provides in academia.

Keywords: Cartography. Development. Regions.

RESUMO

O trabalho tem por objetivo demonstrar cartograficamente a influência das proximidades do Campus da UFPE com as demais instituições de pesquisa e ensino, como meio de alcançar o desenvolvimento buscando sempre as inovações. Para tanto utilizar-se-á uma análise das teorias que envolvem o assunto, esse que é um movimento crescente na sociedade como forma de alcançar sucesso dentro de uma sociedade globalizada. Faz-se necessário ressaltar que essas regiões passam a deter um poder sobre as demais e a cartografia é um instrumento facilitador nesse processo de entendimento. A pesquisa demonstrará a correlação da teoria com o meio cartográfico da região do Recife-PE, o qual de maneira especial tratará do campus da UFPE. Demonstrará o fluxo de convênios da UFPE com outras instituições diante dos convênios de pesquisas e realizações de eventos acadêmicos. Por fim, demonstrará a facilidade que a localização espacial proporciona no meio acadêmico.

Palavras-chave: Cartografia. Desenvolvimento. Regiões.

¹ Mestre em Gestão Pública pela UFPE. E-mail: andrearomasilva@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Com o advento da globalização há uma tendência muito natural, que as relações aconteçam em um grande contexto territorial, a qual a distância não é vista como fronteira para o desenvolvimento. Na contra mão desse processo da globalização que envolve todo o mundo está à teoria do desenvolvimento entre regiões.

A criação das regiões para um desenvolvimento é de fato a descontinuidade da ideia da globalização, visto que gera uma nova postura nas relações. Novos acontecimentos mundiais geram novas posturas e nessa direção a criação dos polos regionais é o efeito dos acontecimentos.

Contudo, quando se fala em relações regionais não exclui a correlação com a globalização, apenas se ressalta que se faz de maneira inversa. Primeiro as regiões se agrupam para fortalecer o poder de negociação, para depois disputar o mercado internacional.

Nesse sentido a proposta da pesquisa é demonstrar que a UFPE, uma instituição de ensino superior, realiza anualmente vários convênios com parceiros dentro da própria região (Recife), uma vez que a proximidade facilita as relações, elevando assim o desenvolvimento da região. O objetivo do trabalho não é avaliar as teorias que construíram a importância das relações regionais no desenvolvimento, mas se utilizar delas para demonstrar o efeito nas parcerias realizadas pela UFPE.

Inicialmente abordar-se-á o posicionamento da importância da cartografia dentro do debate, ressaltando sua importância enquanto ferramenta de localização, mas também como uma tecnologia que também precisa ser atualizada constantemente. Em seguida será apresentado um mapa da região do Recife, localizando os órgãos que exercem uma influência acadêmica enquanto entidades de pesquisa.

No segundo momento realizar-se-á uma reflexão quanto a crescente do desenvolvimento das regiões e a relevância do estudo para construir atitudes que expressão à necessidade do regionalismo na competição mundial. Essa perspectiva abordará ainda como é visto o regionalismo dentro das relações internacionais.

Por fim, a pesquisa tratará mais especificamente dos levantamentos referente à UFPE, sua importância no meio acadêmico e dos convênios realizados com os parceiros.

Utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, a qual buscou livros, sites, artigos para a construção do referencial teórico. Para a composição do levantamento de dados junto aos órgãos convenientes, a pesquisa deu-se através das páginas da web, dos parceiros da UFPE. A construção do mapa foi realizada com elementos de várias fontes: *Google Earth* quanto ao posicionamento longitudinal e latitudinal dos órgãos parceiros da UFPE, do site da Prefeitura da cidade do Recife o qual disponibiliza a malha dos barros e o software ArcGis na construção propriamente dita do mapa.

1. CARTOGRAFIA

O estudo da cartografia é uma ferramenta que gera um grande poder, visto permitir um conhecimento territorial e uma análise das potencialidades da área. Nesse sentido, dominar a leitura de mapas proporciona um diferencial.

Entretanto, se o mapa não é o espaço, um mapa é também um espaço. Podemos, é claro tratá-lo como uma simples tabela de dados e, notadamente, um simples cruzamento entre como uma simples terrestre e uma outra informação... Desde que se reconheça nos universos ideais a mesma legitimidade que nos materiais, para se tornar não somente uma fonte de informação, mas também um objeto a conhecer, o mapa se torna um “terreno” entre outros para o estudo da dimensão espacial das sociedades (LÉVY, 2008, p. 157).

São crescentes as transformações nos estudos cartográficos. As inovações trazidas pelo século XX, por meio dos avanços tecnológicos permitem uma maior manipulação dos volumes de dados geoespaciais. Importante ressaltar que esses avanços permitem um maior planejamento urbano-regional, neste sentido, fortalece, ou melhor, dar maior poder ao Estado, sobre o aspecto de monitoramento dos fenômenos ambientais, econômicos e sociais em múltiplas escalas.

Dentro da discussão da utilização dos mapas pelo Estado, Thierry Joliveau coloca que os mapas demonstram fenômenos que os políticos gostariam de esconder, o que pode causar conflitos. Da mesma forma podem os mapas sanar os conflitos. De uma forma ou de outra, os mapas são demonstrações de poder e saber, sobretudo por não caberem contestações (JOLIVEAU, 2008, p.49).

A cartografia é de fato um grande recurso do Estado e dentro do debate exposto, o desenvolvimento regional, ponto fundamental para determinar as relações.

A importância da cartografia, nesse trabalho, não será dentro apenas de uma conotação de instrumento de localização, mas exemplo do interesse mundial pelos frutos financeiros gerados por uma cartografia mais desenvolvida.

Há um interesse mundial no desenvolvimento de tecnologias dentro do estudo da cartografia, correspondendo à demanda de mercado ou criando novos produtos e serviços (FREIRE, 2008, p. 73). Nesta direção, também a cartografia é um produto de desenvolvimento tecnológico, o qual as empresas buscam avanços capazes de satisfazer às necessidades do mercado consumidor. Como já foi colocado, o Estado tem grande interesse, uma vez que se utiliza da cartografia como instrumento arrecadação.

De forma geral, o mercado de tecnologia trabalha com ciclos curtos de vida útil de seus produtos em relação a outros mercados globais. Esta é uma característica deste mercado, mas também é uma tendência do capitalismo contemporâneo (FREIRE, 2008, p. 74).

A colocação do autor Neison Freire é extremamente pertinente quando se avalia como sendo um dos aspectos que motiva os avanços tecnológicos, posto que se a vida útil dos produtos tem um ciclo curto provoca uma aceleração na troca dos produtos, contudo essa troca se dará por um produto que atenda melhor suas necessidades atuais. Esse ciclo ocorre em grande escala, visto que são inúmeros os produtos tecnológicos expostos pelo mundo. O que leva a concluir que sobre esse aspecto a postura do mercado na produção de novas tecnologias e na verdade uma necessidade do consumidor. Muito embora não se deva esquecer que esse consumo desenfreado é produto de uma construção capitalista.

Será tratado no tópico abaixo a junção do conhecimento da cartografia, mais especificamente do posicionamento das potencialidades das regiões, aplicado ao desenvolvimento das relações, no que tange os avanços tecnológicos.

2. DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O desenvolvimento regional é um assunto que vem sendo explorado ao longo do tempo, visto sua importância no mercado, para que as regiões possam alcançar meios de participar de forma mais efetiva na globalização, muito embora já se saiba que haverá sempre uma desigualdade e que essa faz parte do processo da globalização. “Assim, o processo de globalização universal, mas mesmo tempo fragmenta e quebra o espaço mundial, em uma relação dialética na qual aumentam-se as desigualdades”. (Massey, 1998; Dicken *et al.* 1997 apud DINIZ, p. 212)

Devido à importância da proximidade territorial são várias as denominações, destacando o distrito industrial por Marsal (1982); polo de desenvolvimento ou crescimento por Perroux (1967); e a mais recente tendo a ideia de incubadora de empresas, parques e cidades tecnológicas planejadas de Storper (1995), Lastres (1999), Piore e Sabel, Catell e Hall (1994).

Para se ter uma melhor compreensão do desenvolvimento regional faz-se necessário uma colocação quanto o que vem a ser região, os autores SIMÕES e LIMA trazem a região como uma “unidade de análise, representada por um conjunto de espaços que tenha maior integração entre si do que em relação ao resto do mundo”. (SIMÕES; LIMA 2009, p. 1).

O estudo da representação cartografia das regiões por blocos, no que se refere aos desenvolvimentos das regiões, vem sendo muito utilizado para evidenciar que geograficamente a localização tem reflexo direto com os avanços, seja na área tecnológica, industrial, financeira, e como avanços no desenvolvimento da região como um todo.

A criação de blocos econômicos como a ASEAN, NAFTA e MERCOSUL são exemplos diretos desse processo, uma vez que aumentam o poder aos que se unem aos seus grupos. A ideia da criação por blocos assim como a relação por regiões, na verdade, forma um sistema de autoproteção diante da globalização, mas também uma forma de assegurar a competição. Esses blocos econômicos são exemplos de atuação tanto global quanto regional.

A disputa perante a globalização faz com que os países se tornem fracos, contudo os blocos e/ou as regiões os fortalecem na busca de um maior domínio nas relações. Onde “o lugar é a complementaridade de três dimensões: localização, interação

social, no sentido antropológico e cultura (Albagali, 1999). Assim, além de realidade empírica, a região ou o lugar é representação social” (SWYNGEDWN, 1989) (DINIZ, 2001, p. 4).

Sendo assim, todo mapa é evidentemente temático, a noção de “mapa geral” constituindo um artefato completo, uma pura ilusão de transparência que nos parece bem pueril, se ela não tivesse tido os “efeitos de realidade” que não podem ser negligenciados em matéria de geopolítica (LÉVY, 2008, p. 156).

É dentro dessa perspectiva de não haver um mapa geral que trata a pesquisa, visto propor o estudo das regiões, que se agregam por interesses diversos, em prol de demonstrar que as proximidades proporcionam uma maior fluidez nas relações.

A atualidade, identifica como era do conhecimento e da crescente integração em redes, a região ressurge como *locus* da organização produtiva e da inovação, onde o esforço e o sucesso da pesquisa, da ação institucional, do aprendizado se dão de forma coletiva (KEABLE *et al.* apud DINIZ, 2001, p.7).

A ideia de se agrupar para gerar potencialidades toma força através do *animus* político e do interesse dos intelectuais ligados a estudos para o desenvolvimento que sustentam e constrói meios de realizar as parceiras, sejam de tecnologia, sejam de qualquer outro interesse.

Perroux evidencia aqui a necessidade de políticas econômicas, cujos objetivos devem ser o desenvolvimento técnico e humano e a cooperação entre regiões ricas e pobres (desenvolvimento recíproco). Peça fundamental destas políticas são os pólos de desenvolvimento, localizados dentro ou fora da nação, pois “A nação do século XX encontra nos pólos de desenvolvimento a sua força e o seu meio vital” (PERROUX apud SIMÕES, LIMA, 2009, p. 5).

A tecnologia e a inovação foram as variáveis defendidas por Perroux que justificam e levam o êxito do desenvolvimento regional. Contudo, por se tratar de um assunto ainda muito em evidência e em alta sintonia com os acontecimentos, hoje já se consideram que vários outros aspectos constitui o sucesso do desenvolvimento. Podendo esses ser intangíveis, como a cultura local, comportamento da sociedade civil, a organização institucional e a produtiva, novas formas de competição e cooperação.

Sendo situações que após serem avaliadas tiveram importância no sucesso do desenvolvimento regional.

Quanto ao processo de crescimento, Perroux coloca que seria irregular:

o crescimento não surge em toda parte ao mesmo tempo; manifesta-se com intensidades variáveis em pontos ou pólos de crescimento; propaga-se, segundo vias diferentes e com efeitos finais variáveis, no conjunto da economia (PERROUX apud SIMÕES; LIMA, 2009, p. 3).

Assim, para explicar o crescimento é preciso considerar matérias como o desempenho da indústria e o crescimento dos polos de desenvolvimento como pontos de partida. Perroux não apresenta uma conclusão quanto à política econômica, sobretudo por considerar sua complexidade, mas aponta que nesse processo todos devem ser envolvidos e respeitados o espaço às grandes empresas, aos entes públicos e às pequenas inovações.

A discussão também envolve questões referentes às relações internacionais e como o regionalismo é visto dentro do debate de soberania dos Estados.

O regionalismo é visto como parte de um novo padrão da política mundial, caracterizada por ligações dentro e através de fronteiras nacionais que maximizam a importância dos indivíduos e das localidades em que habitam. Uma consequência disso é a criação de formas mais participativas de política internacional (HOCKING, 2004, p. 102).

Dentro das relações internacionais, Cohen (1994) coloca que faz parte de uma mudança mais ampla, pois representa uma nova geopolítica sustentada por forças geoeconômicas. As relações estabelecidas envolvem política externa podendo envolver estrutura política regional: através de governos nacionais; diretamente, através de governos nacionais; diretamente, através de órgãos regionais; e diretamente, junto ao sistema internacional, sem nenhum intermediário (HOCKING, 2004, p. 89).

A determinação dos espaços econômicos é bastante complexa, pois “o espaço da economia nacional não é o território da nação, mas o domínio abrangido pelos planos econômicos do governo e dos indivíduos” (PERROUX apud SIMÕES; LIMA, 2009, p. 3).

Trazendo o debate sobre o desenvolvimento regional e a importância dos governos enquanto força propulsora, observa-se o Brasil na década de 80 com o início da proposta da Reforma do Estado, onde o Estado atua com menos intervenção, o Brasil não apenas se mantém ausente, mas deixa de promover o desenvolvimento. O Brasil está

mais ausente do setor produtivo, agindo mais na defensiva, no controle da estabilidade de preços, onde as políticas de desenvolvimento regional limitavam-se a apoiar ações localizadas, dificultando a integração nacional e a superação do subdesenvolvimento do país, especialmente de suas regiões menos dinâmicas. Mitigando dessa forma o desenvolvimento das regiões, gerando uma dificuldade de alcançar um desenvolvimento capaz de englobar a região e o nacional.

Verifica-se que as reformas orientadas para o mercado – denominadas de primeira geração-, em especial a abertura comercial, e o ajuste fiscal foram as principais medidas adotadas nos anos oitenta. O maior êxito dessa fase de reforma foi o combate à hiperinflação e o esforço para garantir a estabilização da economia (MATIAS-PEREIRA, 2010, p. 8).

Nos anos 90, o Brasil seguindo experiências do Reino Unido e dos países do OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) adota o modelo de gestão gerencial que tem como objetivo tornar o aparelho do Estado mais eficiente e propõe para isso mudanças institucionais, culturais e de gestão. Esse modelo vem sendo constantemente trabalhado em prol de melhor atender à demanda da sociedade, mas também tornar eficiente a máquina pública.

É sobre a proposta de eficiências que o modelo de gestão gerencial se calça e não se estagna, abrindo-se a outras formas de melhorar a gestão. Nunca esquecendo o modelo anterior, mais um aprimoramento constante em busca de aperfeiçoar as ferramentas necessárias para alcançar a nova visão entre a relação de Estado e a sociedade. Dentro dessa perspectiva, a governança se apresenta comparando as similitudes entre os focos da governança pública com a governança privada: transparência, equidade, cumprimento das leis, prestação de contas e conduta ética. Um novo perfil do Estado se faz necessário no momento em que começa a desempenhar novas funções: inteligente-mediador-indutor, exigindo para isso instituições democráticas sólidas, orientado para eficiência, eficácia e efetividade (MATIAS-PEREIRA, 2010, p. 115-122).

O tópico abaixo tratará exatamente de nova postura do Estado em investir em instituições comprometidas com a eficiência e avanços tecnológicos. Onde se verifica a necessidade de interação de órgãos públicos no fortalecimento da região do Nordeste, mais precisamente da capital, Recife. Ligações de órgãos que ao realizar projetos de pesquisas de avanços tecnológicos alcançam o desenvolvimento regional, mais também o interesse de

empresas privadas. A interação desses dois elementos eleva o setor de produção tecnológica e com isso a economia regional favorecendo não só a região, mas o nacional.

O estudo abaixo não tem o objetivo de demonstrar a atuação de um Estado com ações desenvolvimentista, apenas ressalta que a pesquisa deu-se entre órgãos públicos e que de fato a interação das instituições públicas, pela proximidade, faz a diferença no desenvolvimento de tecnologia.

3. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE

A Universidade Federal de Pernambuco/UFPE é uma administração indireta do Estado, denominada de autarquia, a qual sua gestão administrativa e financeira é descentralizada. Em sendo uma autarquia, “pessoa jurídica de Direito Público de capacidade exclusivamente administrativa” (MELLO, 2012, p. 164), é responsável perante terceiros pelos seus comportamentos, respondendo o Estado apenas subsidiariamente.

Em 2011, a UFPE manteve-se como a melhor universidade do Norte e Nordeste do País na graduação, no Índice Geral de Cursos (IGC), o que a coloca como a 22ª universidade do País, entre instituições públicas e privadas. Além de estar entre as cem melhores universidades da América Latina, ocupando, atualmente, o 39º lugar (QS TOP UNIVERSITIES, 2012). A Universidade tem um total de 464 grupos de pesquisa.

Nos últimos anos, com o apoio do Governo Federal, a UFPE expandiu a sua atuação – hoje são três *campi*, localizados no Recife, em Vitória de Santo Antão e em Caruaru – e ampliou sua interação com a sociedade, criando novos cursos em atendimento a demandas sociais e econômicas, aumentando vagas em cursos tradicionais e oferecendo oportunidades focadas no novo cenário econômico do Estado.

A Universidade oferece 96 cursos de graduação. Já na pós-graduação atualmente, são oferecidos 116 cursos de *stricto sensu* (sendo 65 mestrados acadêmicos, seis mestrados profissionais e 45 doutorados, além de 64 cursos de pós-graduação *lato sensu* - especializações). Em 2010, foram iniciados oito novos cursos de pós-graduação, entre os quais o mestrado em Engenharia Civil e Ambiental (o primeiro a funcionar no Campus de Caruaru), os mestrados em Biotecnologia Industrial e em Enfermagem e o

mestrado profissional em Administração, o doutorado em Design, o mestrado e o doutorado em Biologia Aplicada à Saúde e o mestrado em Artes Visuais.

Em suas pesquisas, a UFPE tem focado as áreas tidas como estratégicas para o Estado e para a região: Petróleo e Gás; Energia e Biomassa; Bioengenharia e Engenharia Naval; Meio Ambiente; Fármacos e Medicamentos; Nanociência, Nanotecnologia e Materiais Avançados; Metrologia Arqueológica e Patrimonial; Informática; Ciências Humanas e Sociais; e Ciências da Saúde. Somente no âmbito do CT-Perto (fundo setorial financiado pela Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP – do Ministério da Ciência e Tecnologia), desenvolve mais de 50 projetos, por meio de 12 redes de pesquisa, envolvendo diversos centros.

Quanto à infraestrutura, a UFPE reúne mais de 40 mil pessoas, entre professores, servidores técnico-administrativos e alunos de graduação e pós-graduação, distribuídos em três campi: Recife, Caruaru e Vitória de Santo Antão. A Universidade se destaca por sua infraestrutura física, que está em franca expansão. As edificações em construção irão acrescentar 12.367,60 m² à área construída da UFPE.

No Campus Recife possui mais de 40 prédios, com área construída de 383.572,09 m² entre eles a Reitoria, nove Centros Acadêmicos, oito Órgãos Suplementares, Centro de Convenções, Concha Acústica, Clube Universitário, Creche, Casas dos Estudantes Masculina e Feminina e o Restaurante Universitário. O território da UFPE juntamente com o Campus do Agreste e o Campus de Vitória perfaz um total de 1.615.850 m², tendo ainda 82,030 m² de área fora do Campus Universidade Joaquim Amazonas (Recife).

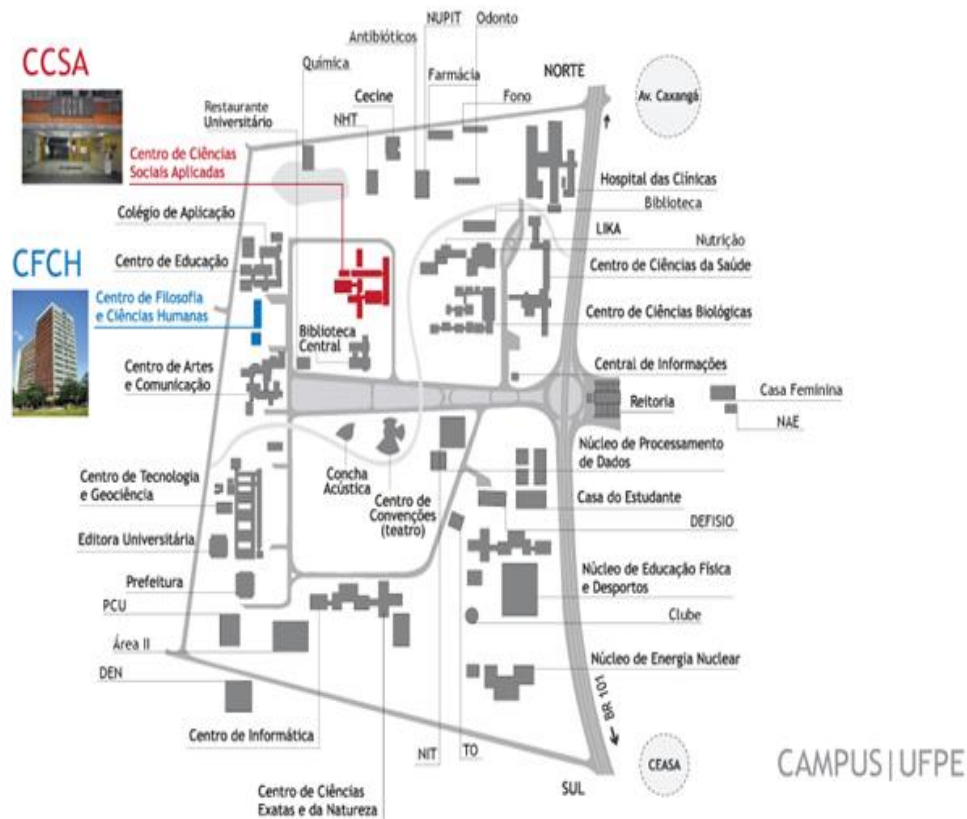
Figura 1 – Centro de Convenções da UFPE



Fonte: Google imagens

A UFPE localiza-se na cidade do Recife, no bairro da Cidade universitária, Pernambuco. Segundo o site IBGE de 2013, a cidade do Recife tem uma área total de 218.434 km².

Figura 2 - Imagem do Campus da UFPE



Fonte: Google imagens.

A figura 2 proporciona uma noção quanto ao posicionamento estratégico no acesso a vias com grande acessibilidade, tanto para dentro do Recife quanto nos Estados próximos. A saída sul permite acesso a BR 101, que leva a Estados próximos de Pernambuco como Alagoas e Sergipe. Ao norte há a Avenida Caxangá que é uma das mais importantes vias arteriais da cidade do Recife, apresentando percurso totalmente reto de aproximadamente 6,2 km, permitindo assim um grande acesso aos demais bairros do Recife.

O mapa na figura 3 refere-se ao Recife, capital de Pernambuco, uma área, que se situa várias instituições de pesquisa e ensino. O mapa destacou apenas as instituições

Uma parceria com a UFPE tem grande alcance dentro do meio acadêmico, devido ao seu reconhecimento como instituição de ensino conceituada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e suas pesquisas que abrangem várias áreas tecnológicas. Além do corpo de docentes que em sua maioria são doutores.

A relação mantida entre a UFPE e seus parceiros envolve globalização, sociedade do conhecimento e as condições locais do desenvolvimento. “O processo de aprendizagem assume o centro da sociedade, por isso chamadas de economia ou sociedade do conhecimento” (SPOLIDOR apud DINIZ, 2001, p. 10).

Baseado na ideia que a inovação é o motor central do desenvolvimento econômico e na identificação de que as regiões possuem atributos próprios, sintetizados na literatura por imersão social, ativos relacionais que interdependências não comercializáveis, e de que o sucesso econômico depende da existência de meios inovadores (Albagli), surge a discussão do papel na inovação no desenvolvimento regional (DINIZ, 2000, p. 218).

Dentro do panorama das tecnologias e desenvolvimento seguem as descrições básicas dos órgãos que mantém relações com a UFPE. Relações que buscam inovações tecnológicas:

1. CETENE- Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste é uma unidade de pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), criado em 2005 para apoiar o desenvolvimento tecnológico da Região, promovendo a integração entre conhecimento, fomento e sociedade;

2. UPE – Fundação Universidade de Pernambuco denominada pela sigla UPE, entidade pública mantida pelo erário estadual, composta por variados cursos de graduação, pós-graduação, em diversas áreas, abrangendo, em sete Campi Universitários todo o Estado, do Litoral ao Sertão, com sede no Recife;

3. CHESF- Companhia Hidrelétrica de São Francisco tem como missão produzir, transmitir e comercializar energia elétrica com qualidade, de forma rentável e sustentável;

4. SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, maior rede de Educação Profissional da América Latina. Tem como missão promover a educação

profissional e tecnológica, inovação e a transferência de tecnologias industriais, contribuindo para elevar a competitividade da indústria brasileira. Em Pernambuco, integra o sistema Federação das Indústrias e sua marca de referência é ser reconhecido como provedor de inovação e soluções tecnológicas e educacionais para Indústria do Estado e Região;

5. CELPE - Companhia Energética de Pernambuco, leva energia elétrica a 184 municípios, ao distrito de Fernando de Noronha e a cidade de Pedras do Fogo, na Paraíba. Investe em Programas de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) e no combate ao desperdício de energia, numa parceria com universidades e órgãos públicos, que beneficia escolas, comunidades, comércio e indústrias.

Uma vez já descritas as características básica dos parceiros, segue o quadro 1 que descreve os projetos. O quadro está disponível no site a FADE (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco) que é a administradora dos recursos financeiros acordados entre os entes.

O site da FADE informa ainda o volume financeiro envolvido em cada projeto, contudo embora seja um meio de expressar a economia, o trabalho focou apenas no objetivo das parcerias. Sobretudo porque os ganhos econômicos advindos das relações de parcerias certamente superarão em muito o valor envolvido nesses convênios.

Outros órgãos ligados à pesquisa e avanços tecnológicos fazem parte da região do Recife, como: Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, As Fundações Joaquim Nabuco, Gilberto Freire, ANTAC - Associação Nacional do desenvolvimento do Ambiente Construído, SERPRO - Serviço Federal de Processamento de Dados, SFA - Superintendência Federal Agricultura, Pecuária e Abastecimento, CPRM - Companhia de Recursos Minerais, CPRH - Agência Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos e o ITEP - Instituto de Tecnologia de Pernambuco. Contudo, o controle de convênios dentro da UFPE é algo ainda muito incipiente, tendo apenas de poucos registros.

Importante ressaltar e trazer outra reflexão, embora não esteja expressa no quadro 1, os órgãos acima citados também são indiretamente parceiros, à medida que os profissionais formados pela UFPE, em sua maioria, são absorvidos dentro dessas instituições. Se não concursados para estágios curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho buscou ao longo da pesquisa aspectos quanto à importância do desenvolvimento regional dentro do contexto mundial, onde a globalização e o regionalismo andam no sentido de encontrar o desenvolvimento tecnológico.

A pesquisa trabalhou no sentido de demonstrar a necessidade da cartografia como instrumento de localização, mais também interesse mundial, no que tange à busca de novas tecnologias, a qual se conclui que o processo de desenvolvimento tecnológico é um ciclo infinito, visto a necessidade constante de novas tecnologias para saciar a busca desenfreada do capitalismo, consumismo e tecnologia de ponta.

Embora seja muito importante a cartografia para situar e localizar as proximidades das regiões, a pesquisa demonstrou a necessidade da ação do Estado enquanto impulsionador da produção para se alcançar o desenvolvimento. Colocou-se ainda que a atuação do Brasil nos últimos nos anos 80 foi mais no aspecto controlador, mas que no nosso estudo em específico, UFPE: uma análise cartográfica do desenvolvimento regional, o Estado tem uma presença forte na atuação da produção de tecnologia, posto que a pesquisa apresenta órgãos públicos que geram tecnologia e desenvolvimento.

A pesquisa também reconhece que dentro do aspecto de desenvolvimento, a teoria de Perroux vem corroborar no sentido de esclarecer a postura que envolve a UFPE e os seus parceiros, no que tange a junção da tecnologia e a inovação. Considerando fatores intangíveis como a cultura local, comportamento da sociedade civil, organização institucional e produtiva, novas forma de competição e cooperação, sendo situações que viabilizam as parceiras. A conexão enriquece a região, mas acima de tudo a economia.

Por fim, o trabalho conclui afirmando que de fato as parcerias são não só grandes artifícios de proteção, mais também de desenvolvimento utilizado pelas regiões. A predisposição das regiões é um grande e forte início para o desenvolvimento, mas para que gere de fato um efeito na globalização faz-se necessário a ação do Estado enquanto instituições voltadas a projetos de apoio ao desenvolvimento tecnológico.

O trabalho não exaure o assunto, apenas abre mais um debate dentro desse que é um campo tão vasto de pesquisa e que nos permite entender melhor a situação das regiões dentro da globalização.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Clélio Campolina. **Global-Local: interdependências e desigualdade ou notas para uma política tecnológica e industrial regionalizada no Brasil**. Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IE/UFRJ. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/notatec/ntec09.pdf> Acesso: 13 fev. 2014.

_____. **O papel das inovações e das instituições no desenvolvimento local**. Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2001/artigos/200105383.pdf>>. Acesso: 12 fev. 2014.

FADE - **Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco**. Disponível em: <<http://www.fade.org.br>>. Acesso: 13 fev. 2014.

FREIRE, Neison. **O geonegócio: as geotecnologias e a emergência de novos mercados em regiões periféricas**. Tese de Doutorado. Saarbrücken – Alemanha: LAP Lambert Academic Publishing GmbH & Co. KG, 2012. Editorial Académica Española. ISBN 978-3-659-01092-7. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/images/stories/cieg/docs/lo_geonegocio.pdf>. Acesso: 13 fev. 2014.

FREIRE, Neison Cabral Ferreira; FERNANDES, Ana Cristina de Almeida. **Mapas como expressão de poder e legitimação sobre o território: uma breve evolução histórica da cartografia como objeto de interesse de distintos grupos sociais**. Portal da Cartografia Geociências. v. 03, n. 1, 2010. ISSN: 1983-6546. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia/article/view/7536>>. Acesso: 13 fev. 2014.

Google Imagens. **Mapa do campus da UFPE**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=mapas+da+ufpe&rlz=1C10PRB_pt-BRBR572BR572&espv=210&es_sm=122&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=jUFU6mZKMqzkAft8YCIAQ&ved=0CAoQ_AUoAg&biw=1366&bih=643#facrc=_&imgrc=kM4TSGl1orxJTM%253A%3BDi4WrpWiUp_evM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.ufpe.br%252F2012%252Fimages%252Fstories%252Fmapa_ufpe_simples1.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.ufpe.br%252F2012%252Findex.php%253Foption%253Dcom_content>

%2526view%253Darticle%2526id%253D301%2526Itemid%253D228%3B691%3B703>. Acesso: 18 fev. 2014.

HOCKING, Brian. **"Regionalismo: uma perspectiva das relações internacionais"**. Scielo Brasil. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000226&pid=S0102-6909200800020000500024&lng=es>. Acesso: 12 fev. 2014.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso: 12 fevereiro 2014.

JOLIVEAU, Thierry. **O lugar do mapa nas abordagens participativas**. In: ACSELRAD, Henri. (Org.). Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. Coleção Território, Ambiente e Conflitos Sociais, n. 1. Scribd. ISBN 978-85-86136-04-7. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/52155036/ACSELRAD-Henri-2008-Cartografias-Sociais-e-Territorio>>. Acesso : 12 fev. 2014.

LÉVY, Jacques. **Uma virada cartográfica?** In: ACSELRAD, Henri. (Org.). Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. Coleção Território, Ambiente e Conflitos Sociais, n. 1. Scribd. ISBN 978-85-86136-04-7. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/52155036/ACSELRAD-Henri-2008-Cartografias-Sociais-e-Territorio>>. Acesso: 12 fev. 2014.

MATIAS-PEREIRA, José. **A governança corporativa aplicada no setor público brasileiro**. Administração Pública e Gestão Social - PGS. Viçosa, v. 2, n. 1, p. 109-134, jan./mar. 2010. ISSN 2175-5787. Disponível em: <<http://www.apgs.ufv.br/index.php/apgs/article/view/21#.UcNPtm1HVQ>>. Acesso: 23 jan. 2014.

MELLO, Celso Antônio Bandeira de. **Curso de direito administrativo**. 29. ed. São Paulo: Editora Malheiros, 2012.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. **Malha dos bairros do Recife**. Disponível em: <www.recife.pe.gov.br/egis>. Acesso: 7 fevereiro 2014.

QS TOP UNIVERSITIES. **QS Latin American University Rankings - 2012**. Worldwide University Rankings, Guides & Events. Disponível em: <<http://www.topuniversities.com/university-rankings/latin-american-university-rankings/2012>>. Acesso: 9 jan. 2014.

SIMÕES, Rodrigo Ferreira; LIMA, Ana Carolina da Cruz. **Teorias do desenvolvimento regional e suas implicações de política econômica no pós-guerra: o caso do Brasil**. Banco do Nordeste – BNB. Disponível em: <<https://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/eventos/forumbnb2009/docs/teoria.pdf>>. Acesso: 10 jan. 2014.

UFPE. **A instituição.** Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <http://www.ufpe.br/ufpenova/index.php?option=com_content&view=article&id=99&Itemid=178>. Acesso: 13 fev. 2014.

* Artigo submetido em 10 de maio de 2014 e aceito para publicação em 07 de agosto de 2014.